

A “VÍTIMA” NA FILOSOFIA DE ENRIQUE DUSSEL: UMA TENTATIVA DE COMPREENSÃO E RELEITURA

THE “VICTIM” IN ENRIQUE DUSSEL’S PHILOSOPHY: AN ATTEMPT AT UNDERSTANDING AND REREADING

Victor Hugo de Souza¹
Canício Scherer²

RESUMO: Este artigo tem como objetivo elucidar o conceito de vítima presente na Filosofia da Libertação de Enrique Dussel, ampliando a compreensão dos chamados “excluídos” (dominados: trabalhadores, índios etc. e discriminados: mulheres, imigrantes etc.), cujo “Ser” é negado pelo sistema geopolítico e econômico. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de cunho analítico reflexivo, que visa apontar para quem são as vítimas na atualidade. Partindo dos pressupostos latino-americanos, proporciona ao colonizado o direito de responder ao “mito da descoberta”, que rejeita os povos originários das Américas. Tal reflexão ajuda-nos, a compreender o contexto de exclusão em que vivemos hoje e entender as origens das novas formas de produção de riqueza e de pobreza, de opressores e de vítimas artificiais produzidas pelo processo de globalização.

Palavras-chave: Dussel; Vítima; Excluído; Dominação; Sistema.

ABSTRACT: This article aims to elucidate the concept of victim present in Enrique Dussel Philosophy of Liberation, expanding the understanding of the so-called "excluded" (dominated: workers, Indians etc., and discriminated against: women, immigrants etc.), whose "Being" is denied by the geopolitical and economic system. This is a bibliographic research of a reflexive analytical nature, which aims to point out who the victims are today. Based on Latin American assumptions, it provides the colonized with the right to respond to the "myth of discovery," which rejects the original peoples of the Americas. Such reflection helps us to understand the context of exclusion in which we live today and to understand the origins of the new forms of wealth production and poverty, of oppressors and artificial victims produced by the process of globalization.

Keywords: Dussel; Victim; Excluded; Domination; System.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo elucidar o conceito de vítima presente na Filosofia da Libertação de Enrique Dussel ampliando a compreensão sobre os chamados “excluídos” (dominados: operários, índios, escravos etc. e discriminados: mulheres,

¹ Graduando do curso de Filosofia do Centro Universitário Salesiano -Unisaes. E-mail:

² Licenciado em Filosofia (PUC/PR). Especialista em Filosofia contemporânea (UFES) e Mestre em História Social das Relações Políticas (UFES). Professor do Unisaes; Filosofia: Ética. E-mail: cscherer@salesiano.br

idosos, incapacitados, imigrantes etc.) pessoas que se encontram para além da totalidade, e têm o seu “Ser” negado diante do sistema-mundo.

É possível descrever a Filosofia da Libertação proposta por E. Dussel como uma teoria crítica que visa a transformação do sistema que oprime. Partindo da realidade Latino-americana ela proporciona ao colonizado o direito de resposta ao **mito do descobrimento**, que nega os povos originários da América enquanto indivíduos providos de saber e mascara a invasão, dando-lhe o nome de descoberta do Novo Mundo.

Por esse viés, somos capazes de romper com uma imagem negativa que foi imposta sobre a América Latina sendo observada apenas por suas dificuldades, como a má distribuição de renda, desemprego, o índice de analfabetismo, e a exploração. E assim, mostrar que também somos ricos em culturas, línguas, temos cultos e religiões que são datados de séculos antes da chegada dos europeus.

Refletir a respeito deste assunto é necessário para o “despertar” da “vítima” para sua real condição, e dar um lugar de fala para estes que são oprimidos. Aquele que padece pela dominação do sistema tem que se reconhecer como tal, iniciando o processo de tomada de consciência, que segundo ele, é o primeiro passo para a emancipação da vítima (Dussel, 1977). O processo de mudança não deve ser imóvel, não basta a vítima saber que é vítima, esta deve buscar o motivo que a levou à condição em que se encontra.

Tal reflexão contribui na compreensão dos vários contextos de exclusão em que vivemos, e onde é remetida a origem das novas formas de produção de riqueza e pobreza, opressor e vítima que compõe o novo cenário mundial. Entretanto, mudanças como a compreensão do mundo permeada pela tendência da globalização, nos levam à seguinte pergunta: Segundo o pensamento de Dussel, quem são as vítimas na atualidade?

2. ENRIQUE DUSSEL E A FILOSOFIA LATINOAMERICANA

2.1 QUEM FOI DUSSEL?

Enrique Domingo Dussel Ambrosini nascido em 24 de dezembro de 1934, em La Paz (Mendoza), na Argentina e falecido em 05 de novembro de 2023, na cidade do México. É um dos maiores pensadores latino-americanos, e o maior precursor da Filosofia da Libertação (Módulo, 2005).

Concluiu a graduação em filosofia na Universidade Nacional de Cuyo em 1957, período em que foi um líder estudantil militante em prol das causas antifascistas e democráticas. Dussel finalizou seu primeiro doutorado em 1959 na Universidade Complutense de Madrid, em estudos sobre bem comum. O segundo doutorado foi concretizado na Sorbonne sobre História da Igreja (1967). Além disso, o filósofo possui títulos de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Friburgo, na Suíça, e pela Universidade Mayor de San Andrés, na Bolívia (Misoczky; Camara, 2015).

Ainda no campo da experiência e formação pessoal e intelectual, destacamos que entre 1959 e 1961 residiu no oriente médio onde vivenciou uma realidade de pobreza e exclusão realizando trabalhos manuais na cidade de Nazaré (Israel) e adquiriu

conhecimento sobre a cultura semita, fatores que exerceram grande peso sobre seus escritos. Após retornar para a Europa em 1961, passou a morar na França produzindo uma filosofia mais sistemática, teve contato com Paul Ricoeur e sua obra *La symbolique du Mal* que passou a ser base para seu projeto filosófico latino-americano. Integrou também Teologia e História a seu currículo, e obtendo em 1965 o título de Mestre em “Estudos da Religião” pelo instituto Católico de Paris, e dois anos depois o doutorado em História da Igreja pela Sorbonne (Misoczky; Camara, 2015).

Regressou para Mendoza em 1968 onde passou a lecionar ética na *Universidad Nacional de Cuyo*, que seria o berço de grandes trabalhos, conferências, debates e cursos convertidos em textos que retratam a própria história Latino-Americana, e posteriormente viriam integrar a filosofia da libertação (Misoczky; Camara, 2015).

Durante o período da ditadura militar argentina ocorreu uma forte perseguição por parte da direita, e Enrique Dussel sofreu forte represália por ter sido considerado um marxista, perdendo assim sua cadeira de professor na universidade, tendo seus livros e publicações proibidas, diversas ameaças de morte e até mesmo veio a sofrer com um atentado, onde lançaram uma bomba em sua residência. Sendo assim, viu-se obrigado a se exilar no México onde lecionou no Departamento de Filosofia da *Universidad Autónoma Metropolitana*, *Universidad de Iztapalapa* e na *Universidad Nacional Autónoma de México* (Módolo, 2005)

Grande crítico do pensamento eurocêntrico, as principais contribuições de Enrique Dussel foram sobre a chamada Filosofia da Libertação. O que seria, portanto, uma “filosofia da libertação”? Libertação de quê?

2.2. A GÊNESE DA SUA FILOSOFIA DA LIBERTAÇÃO

Entre suas experiências de vida Dussel materializou sua crítica quanto à situação de opressão vivenciada por aqueles que não se encontram alinhados ao sistema constituído pelo homem branco **europeu**. Partindo da realidade da América Latina iniciou uma análise com intuito de alcançar a gênese do processo de dominação, em uma realidade de vivências e saberes fragmentados é necessário retomar ao ponto histórico como momento da análise.

Para não incorrerem em divergências e negações prévias à reflexão pretendida, compreender o “onde-nasci” é entender aquilo que pré-determinou toda a conjuntura da vida. “O outro como exterioridade, como aquele que transcende o sistema, é visto como alguém que possui lugar. O onde nasci é a predeterminação de toda outra determinação” (Dussel, 1977, p. 30).

Nascer em uma Aldeia Indígena *Tuyuka* no Noroeste Amazônico, habitando a fronteira entre o Brasil e Colômbia ou em um bairro no centro de São Paulo, certamente é nascer, porém aquele que nasce na Aldeia possui maior ligação com a natureza e aprenderá a caça e coleta de recursos naturais, enquanto aquele que nasce em São Paulo buscará se especializar para trabalhar em alguma empresa (Dussel, 1997), “[...] por isso nossa filosofia da libertação fixará sua atenção no passado do mundo e na espacialidade, para detectar a origem, a arqueologia de nossa dependência, debilidade, sofrimento, aparente incapacidade, atraso” (Dussel, 1997, p. 31).

Dito isto, voltamo-nos para a filosofia grega, onde é possível encontrar o problema vinculado à própria ontologia e à definição do “Ser”. Seja nos questionamentos Aristotélicos sobre a essência das coisas, ou na definição de Parmênides do “Ser” (uno, eterno, a essência da existência) como “Aquilo que é” e a distinção do “Não-Ser”, “Aquilo que não é”. O “Ser” grego é a própria luz da cultura grega (Dussel, 1977).

Segundo o que descreve Ricardo Timm (1999), em sua obra *Sujeito, ética e história*, Levinas o traumatismo infinito e a crítica da filosofia ocidental, a ontologia enquanto filosofia primeira significa a primazia da absoluta liberdade do Ser, da Totalidade, do Eu. A apropriação concretamente determinada do Ser “anônimo” na ontologia leva à desigualdade violenta. Isso revela a supervalorização do Eu pois confunde-se liberdade com a capacidade de impor a sua subjetividade sobre qualquer outra, gerando um dos principais princípios do conflito.

No ser parmenidiano identificam um reflexo do próprio contexto político-social da época, caracterizado pelo ideal do homem grego cidadão da *polis*, classe reduzida aqueles maiores de dezenove anos que possuíssem terras, e fossem filhos de pais e mães atenienses. Estes são dotados de “Ser”, são conquistadores e tem por excelência o direito de domínio sobre o “Não-ser” identificado como o escravo e o bárbaro estrangeiro, de maneira superficial podemos dizer todos aqueles que se encontram para além do horizonte Grego. Tal pensamento se torna forte ao ponto de ocorrer uma divinização da polis grega dentro do Cosmopolitismo Alexandrino ou até mesmo no romano onde a cidade se confunde com o próprio cosmos (Dussel, 1977, p. 12).

Essa ideologia etnocêntrica foi posteriormente assimilada pelo continente europeu que através da espada se torna centralidade, e a partir do século XIV com a expansão do ocidente, chega a julgar-se enquanto um “**Eu**” constituinte (Dussel, 1997). O novo sistema foi moldando-se e se enxergando como “totalidade”, o europeu se define como o único homem detentor de cultura.

Porém a própria Europa foi periferia do mundo asiático. Somente após e experiência frustrada perante os muçulmanos, que o europeu decide traçar novos horizontes e a partir de 1492, conforme nos explicita o filósofo argentino, é que a Europa se dá conta de que saiu dos estreitos muros que os muçulmanos lhe impunham, e o ego europeu passa a usar e controlar terras e os povos subjugados como objetos, “civilizando, europeizando e modernizando”, de acordo com o seu grande “espírito”. Espírito de liberdade que se lança à conquista do mundo, especialmente via Espanha e Portugal. O espírito livre que se justifica perante si mesmo e faz de seus princípios racionais e cristãos os princípios universais, conforme preconizava Hegel (Dussel, 1993).

A era conhecida pelos descobrimentos mascara uma realidade de encobrimento de culturas, povos e até mesmo civilizações milenares. O colonizador europeu não enxergou o povo nativo de *Abya Yala* como um igual a si, e sim como um “Não-ser” de maneira que seus atos de barbárie fossem justificados. Enquanto colonizadores se sentiam no direito de realizar qualquer coisa perante uma ideia abstrata de civilização, massacraram os povos indígenas de maneira cruel e sanguinária e iniciaram um genocídio em massa em favor de uma falsa idealização de progresso. A tirania do europeu se manifestou de forma absurda, ao ponto de imporem o fardo da culpa, sobre os povos que lutaram para resistir ao massacre, pois segundo o colonizador os

nativos não tomaram consciência da sua inferioridade e tentaram proteger um modo de vida rudimentar (Dussel, 1997). E continua o autor:

[...] a partir do “eu conquisto” ao mundo asteca e inca, a toda a América; a partir do “eu escravizo” aos negros da África vendidos pelo ouro e pela prata conseguida com a morte dos índios no fundo das minas; desde o “eu venço” das guerras realizadas na Índia e na China até a vergonhosa “guerra do ópio”; a partir deste “eu” aparece o pensamento cartesiano do *ego cogito* (Dussel, 1977, p. 14).

A maneira mais eficaz de se estabelecer como superior é por meio da dominação. Esta por sua vez, se estende a diversas categorias como a tomada de posses (terras e bens) ou a reivindicação da vida do outro, tomando-o como escravo. Ainda assim, se consideram justificados pela própria ideologia que lhes garante o direito da conquista.

Estando agora situados na periferia de mundo europeu, nos sentimos estranhos, inferiores e humilhados perante seu modelo de civilização e seus métodos. Uma vez reconhecido geograficamente o território do “novo mundo”, faz-se necessária a pacificação e a domesticação dos nativos, que embora racionais, são considerados bestiais por suas vestimentas e forma de viver em harmonia com a natureza e diabólicos por suas idolatrias, cerimônias e sacrifícios.

Enquanto latino-americanos, somos considerados diferentes, sub-humanos e inferiores aos europeus, diferentes no pensar, na religião, meio selvagens e primitivos e por isso passíveis de dominação. É essa mentalidade que justificou a campanha para civilizar e cristianizar os indígenas da América, cujos métodos e resultados são questionados pelos nativos. A partir da negação da humanidade dos indígenas e de sua cultura que se inicia a resistência e luta desigual nestas terras. Já nos primeiros contatos possíveis com os colonizadores, os próprios indígenas, especialmente os maias, incas e astecas, se põem a argumentar e explicar a sua visão de mundo, questionando os acontecimentos, as humilhações e sofrimentos a que eram submetidos.³

O desejo e a necessidade de organizar e estruturar a própria história, feita, vivida e escrita a partir da realidade latino-americana e não mais a partir de uma visão europeia. Estamos falando de nossa história de opressão, alienação e dependência, mas também de nossas lutas, heróis, conquistas e sonhos.

A elaboração e afirmação de um pensamento próprio e sistematizado, além dos questionamentos e argumentos levantados pelos nativos diante dos colonizadores e da defesa de Las Casas perante a coroa espanhola, foram dados no início do séc. XIX, com as chamadas polêmicas em torno da filosofia europeia que aqui era divulgada e “praticada”, quando alguns pensadores latino-americanos passaram a reivindicar uma “função social”, portanto ideológica para a filosofia, com reflexões e ideias que tomassem partido e se posicionassem a favor dos explorados, além de

³ Entre outras fontes citamos aqui, o capítulo 8 de “1492: 500 anos de encobrimento do outro” (1993, p. 140-157), onde se descreve pormenorizadamente a resistência e os argumentos dos derrotados diante dos vencedores ou carrascos, onde se verifica a impossibilidade da conclusão do diálogo, pois os conquistadores não tinham argumentos muito menos entendiam a visão de mundo dos nativos, ou simplesmente respondem com os argumentos da força bruta.

buscarem sintetizar e organizar seus pensamentos, a partir da realidade latino-americana, fazendo e escrevendo a história de nossas ideias.

Equipados com as melhores conquistas antropológicas e filosóficas da reflexão europeia (assimilação e reinterpretação) e com a experiência que outorga o viver considerado como “não-ser” em um mundo de injustiça e opressão, os pobres e oprimidos exigem, propõem e constroem uma nova forma de humanidade onde o ser humano não seja mais “lobo do homem”, onde o ser humano seja tratado e reconhecido em sua integral dignidade.

Ressaltamos aqui, que para Dussel, o contexto e o objeto da filosofia passam a ser essenciais e fundamentais, e porque não dizer, a sua própria identidade como tal. A necessidade e a circunstância fazem a filosofia, ou seja, “pensar é dialogar com a circunstância”, como dizia Ortega y Gasset.⁴

Assim, a reflexão inicial da filosofia da libertação proposta por Dussel é a crítica de uma ontologia da totalidade que foi constituída pelo centro através de uma experiência de dominação sobre os outros homens, opressão cultural sobre os outros mundos excluindo tudo aquilo considerado periférico, como a América Latina. É neste contexto que se situa o pensamento de Dussel e a formulação da concepção de vítima.

2.3. O CONCEITO DE “VÍTIMA” SEGUNDO E. DUSSEL

A Filosofia da Libertação não tem a pretensão de permanecer apenas no campo da crítica, encontra-se diante de uma necessidade de transpor o conceito e adentrar-se na prática, se tornando filosofia cotidiana que esteja a favor de uma maioria excluída dentro da sociedade. Para isso Dussel emprega conceitos da Filosofia da Alteridade proposta por Emmanuel Levinas.

Distinguem-se, no entanto na maneira de definir o outro, que para Levinas é absolutamente “o outro”, enquanto em um primeiro momento de sua filosofia Dussel identifica o outro enquanto pessoa, cultura, o outro continente. Com ênfase no continente latino-americano a partir do qual ele observa, percebe uma vasta gama étnica, diversos tipos de “homem latino-americano”, religiões, política, economia, história marcada por lutas, diversidade cultural. O outro que também se revela nos negros, nos índios (Alves, 2005).

Dussel percebe que falar apenas da alteridade seria negar novamente a possibilidade de manifestação daquele que é isolado para além do sistema, somos continuamente influenciados pela totalidade que nos condiciona a generalizar todos os casos. Por isso, seu objetivo é uma interpretação da sociedade dentro da perspectiva do outro, tendo em vista que este é formado pelas diversas formas de negação da corporalidade e constantemente é marginalizado, excluído, oprimido e explorado.

⁴ Os textos de Jose Ortega y Gasset são um verdadeiro trunfo nas mãos dos pensadores latino-americanos, quando instados a justificar ou fundamentar a sua filosofia, especialmente observado na reflexão intitulada, “História de la Filosofia”, de Raul F. Bettancourt. BETTANCOURT, Raul Forner. Filosofia latino-americana: posibilidad o realidad? *Rev. Liber-Liber*, CEFIL – Campo Grande – MS, vol. 3, p. 81-92, 1993.

A passagem da Alteridade para o outro realizada por Dussel, evidencia a existência de um outro visível que possui um rosto, que está diante de nós e ao mesmo tempo é encoberto.

O rosto do outro, primeiramente como pobre e oprimido, revela realmente um povo, mais do que mera pessoa singular. O rosto místico sulcado pelas rugas do trabalho centenário do índio, o rosto de ébano do escravo africano, o rosto moreno do hindu, o rosto amarelo do chinês (...) cada rosto, único, mistério insondável de decisões ainda não tomada, é rosto de um sexo, de uma geração, de uma classe social, de uma nação, de um grupo cultural, de uma idade da história (Dussel, 1977, p. 50).

Estamos diante do pobre que sofre pela opressão de um sistema (conjunto de estruturas sociopolíticas e econômicas que regem o mundo), que é estranho para ele pois este não ajudou em sua construção, e mesmo assim o sistema lhe nega o direito de reação ou alteração. Os diversos acordos válidos hegemonicamente o excluem por todos os âmbitos, enquanto permanece aprisionado as correntes de uma luta cotidiana pela própria vida. Muda-se o regime e permanece a situação, aquele que no sistema feudal era visto como servo, perante o capitalismo se torna o assalariado em situação precária ou a pessoa que se encontra na incerteza do desemprego.

Com o advento da modernidade, a desigualdade social tornou-se ainda mais evidente, o trabalhador operário passa a se consumir diariamente dentro das fábricas (geralmente lugares quentes, úmidos, sujos e escuros) sob péssimas condições de trabalho, má remuneração além de rotinas exaustivas que chagavam a 16h diárias sem direito a qualquer tipo de refeição descente. Até mesmo as crianças eram submetidas a tais condições sub-humanas de trabalho escravo, estas sofrendo ainda mais com abusos, maus-tratos e sem a possibilidade de abandonar tal vida. Em sua obra Tratado Sobre o Homem Descartes coloca o corpo humano como uma máquina, a modernidade vê o operário desta mesma maneira, sem distinguir trabalhador de ferramenta, enxergam sua única utilidade na produção.

Nos tempos atuais, o fenômeno da globalização juntamente com o chamado “avanço tecnológico”, mascaram uma realidade preocupante onde os países mais desenvolvidos retêm a maior quantidade de capital. O termo “Aldeia Global” utilizado para representar a proximidade (devido aos meios de transporte cada vez mais eficazes, ou das mídias sociais que possibilitam a comunicação) à qual se encontram os países no mundo, está enfatizando uma nova “Aldeia” composta principalmente pelos países desenvolvidos da Europa e os Estados Unidos que formam um pequeno grupo de nações detentores de poder e capital, que retiram o valor do homem periférico e o excluem por não responder aos padrões da totalidade. A má distribuição do dinheiro gera uma assombrosa concentração de riquezas na mão de poucos e perpetua a situação daqueles que se encontram nas periferias. Estamos diante de alguém que grita enquanto tentam sufocá-lo. “Tenho fome! Deem-me de comer, por favor! É vulnerabilidade da corporalidade sofredora (...) feita ferida aberta não cicatrizável” (Dussel, 2000, p. 529).

A própria existência do outro se constitui enquanto forma de protesto contra o sistema que exclui. Segundo Dussel, o “outro” não é denominado assim por ser diferente da maneira que a totalidade insistentemente tenta afirmar, mas sim porque é distinto, possui sua história, cultura, sua exterioridade, por não ter recebido o devido respeito, por terem o privado de ser outro (Dussel, 1977, p. 58).

Sob influência do pensamento de Karl Marx, Dussel identifica uma necessidade ir para além da metafísica e adentrar na materialidade. Propõe que o mundo seja interpretado com um novo sentido, passa do abstrato percebido como o “outro” ao concreto visto como o pobre (Alves, 2005), e posteriormente é reconhecido na condição que ele se encontra, o oprimido, a “vítima” de um processo de exploração.

Um "absolutamente Outro" seria, nesta Ética, algo como uma tribo amazônica que não tivesse tido nenhum contato com a civilização atual, hoje praticamente inexistente. A liberdade do Outro - seguindo aspecto, a Merleau- Ponty - não pode ser uma incondicionalidade "absoluta", mas sempre uma quase-incondicionalidade referida ou "relativa" a um contexto, a um mundo, à facticidade, à factibilidade. Nesta Ética, o Outro não será denominado metafórica e economicamente sob o nome de "pobre". Agora inspirando-nos em W. Benjamin o denominarei 'a vítima' (grifo nosso) – noção mais ampla e exata (Dussel, 1995, p. 16-17).

A palavra vítima origina-se do latim "*victima*", que a princípio consistia na pessoa ou animal imolado em holocausto aos deuses, o termo ainda hoje é utilizado, porém as vítimas não são mais sacrificadas aos deuses, e sim a um sistema formulado pelos países de centro com intuito de beneficiar uma minoria privilegiada. A vítima constitui a categoria central do pensamento de Dussel, que enxergando as necessidades para além dos horizontes do continente Latino-Americano passa de uma filosofia da libertação a uma ética da libertação.

[...] isto é essencial para nosso projeto filosófico. A filosofia da libertação e um contradiscurso, é uma filosofia crítica que nasce na periferia (e a partir das vítimas, dos excluídos) com pretensão de mundialidade. Tem consciência expressa de sua perifericidade e exclusão, mas ao mesmo tempo tem uma pretensão de mundialidade (Dussel, 2002, p. 73).

Dentro da Ética libertação a vítima não pode ser compreendida de maneira superficial ou simplificada na pessoa que foi ferida, esta deve ser capaz de alcançar as diversas realidades daqueles que são postos às margens da sociedade.

[...] como operário, índio, escravo africano ou explorado asiático do mundo colonial; como corporalidade feminina, raça-não-branca, gerações futuras que sofrerão em sua corporalidade a destruição ecológica; como velhos sem destino na sociedade de consumo, crianças de rua abandonadas, imigrantes estrangeiros, refugiados etc. [...] (Dussel, 2000, p. 213).

Estes são excluídos, padecem diariamente com a opressão do sistema e se tornam alienados à própria condição, por isso é necessário um movimento no qual a vítima tome consciência de sua condição, e seja capaz de questionar o próprio sistema.

2.4 A VÍTIMA ENQUANTO PESSOA CONCRETA

Iniciando por uma exclusão étnico racial, Dussel traz casos que marcaram profundamente a história, como o "*apartheid*" na África do Sul que pregava uma completa segregação racial, tendo uma minoria branca se apoderado do governo e tentado instituir uma superioridade sobre os "não brancos", que eram enxergados apenas como ferramenta utilizáveis para a realização de serviços pesados nas indústrias, fazendas e minas. Tal regime também foi responsável pela morte centenas de negros sul-africanos que resistiram a opressão.

A forte discriminação de negros nos Estados Unidos, que viviam em condições inferiores aos brancos e eram privados de utilizar diversas instalações públicas e privadas, quase não possuíam direito à moradia, cuidados médicos, educação, emprego e transporte, e quando estes eram respeitados não eram de qualidade.

Somos também a apresentados a violência sofrida pelos Turcos na Alemanha, de Palestinos em Israel, ou de afro-americanos e Indígenas na América Latina em geral (Dussel, 1995). Estas são vozes que clamam direitos que lhes foram tirados, a própria dignidade que constantemente é suprimida por meio de violências físicas, psicológicas, o direito de poder se reconhecer dentro da própria cultura.

A vítima está além das fronteiras, se encontra nas periferias de Vitória em bairros como o São Pedro, sofrendo com a violência intensa, e diversas disputas do espaço do tráfico, presenciando a morte precoce de jovens e adolescentes que começam cedo no mundo do crime, vive diante da opressão de um sistema policial que condena sem enxergar verdadeiramente quem ali habita.

Vivendo em uma sociedade capitalista transpassada pelo desejo de “ter mais”, sustentada pela exploração do trabalhador assalariado continuamente oprimido, incapaz de elevar-se a uma melhor condição pois é obrigado a utilizar tudo aquilo que recebe para manter sua própria vida,

[...] obrigado a vender seu trabalho vivo em troca de dinheiro aos donos do capital -enquadra-o como um novo tipo de "excluído" da comunidade de comunicação dos empresários, capitalistas, membros ainda hegemônicos no "mundo da vida" da sociedade colonizada por esse "sistema" controlado por eles (Dussel, 1995, p. 68).

A pobreza não se torna apenas uma preocupação do hoje, ela é hereditária, o trabalhador assalariado, o operário, o boia-fria, o trabalhador informal etc. transferem essa condição aos seus descendentes levando perpetuação da desigualdade social. Poucos são os casos, onde um dos membros da família consegue construir uma oportunidade de melhorar de vida, e mesmo quando um destes consegue, o faz enfrentando diversas dificuldades as quais o membro de uma família classe média alta jamais precisará encarar.

O legado da pobreza hereditária (pois se os avós não conseguiram produzir sua vida, os filhos e os netos menos ainda) vai agravando a situação da vítima. As evoluções técnicas e científicas do capital cada vez que dão um salto qualitativo sempre jogam na periferia mais extrema as vítimas desse processo. A exclusão toma-se mais declarada e férrea. Consequência é que temos uma pobreza escandalosa, intencional e visível, que atinge mais da metade da população que habita o globo, em nítida desconfiguração humana (Alves, 2005, p. 72).

A situação se dá de maneira ainda mais preocupante na atualidade, sendo que mesmo após o processo de abolição da escravidão, ainda não podemos afirmar isso com propriedade pois ao redor do mundo existem trabalhadores (inclui-se jovens e crianças) sendo escravizados ou vivendo em situações análogas à escravidão, e juntamente a estes adicionamos o trabalhador assalariado que dedica sua vida, tempo e saúde a um emprego que não lhe fornece condições de melhorar de vida, uma renda que lhe nega o acesso aos recursos mais básicos como saúde, educação, lazer etc.

A preocupação de Dussel coloca também a ecologia enquanto questão fundamental, uma vez que ela virtualmente “exclui” as futuras gerações dos bens nós que estamos destruindo atualmente (Dussel, 1995). Estas se tornam vítimas das grandes potências mundiais que priorizam a produção acima de todas as outras coisas, explorando desenfreadamente todos os recursos naturais e gerando danos gravíssimos ao meio-ambiente. A humanidade está caminhando para a própria autodestruição.

O eurocentrismo cultural (inclusive a cultura anglo-norte-americana) que visa desempenhar o papel de cultura ápice da civilização, e exemplo para todas as demais, faz com que os membros das culturas exteriores se tornem vítimas. Sejam africanos, asiáticos, indígenas, latino-americanos etc. todos os povos taxados como inferiores travam uma luta diária de vida ou morte para defender aquilo que lhes pertencem (Dussel, 1995), estão submetidos ao julgo humilhação de ter seus ritos, marcas, objetos etc. sendo considerados desprovidos de sentido perante o centro.

Para melhor compreensão da Vítima, para além do conceito menciona-se a figura de Rigoberta Menchú⁵ vencedora do prêmio Nobel da Paz de 1992, uma líder indígena guatemalteca, que ainda jovem teve pai, mãe e dois irmãos assassinados pelo regime político da época. Uma pessoa que engloba diversos pontos daquilo que Dussel traz em sua filosofia, e mostra na profundidade de um sujeito-histórico que é ligado a diversos outros setores e aponta para um ser negado a partir da diversidade.

Desta maneira o sujeito feminino (o gênero) de Rigoberta Menchú é também o sujeito indígena (a etnia), de cor morena (a raça), em terras devastadas (a questão ecológica), sem direitos (exclusão jurídica), sem participação na sociedade civil dominada (o político), pobre (a econômica), camponesa (a classe), analfabeta (a cultura formal), guatemalteca (o país periférico), etc. (Dussel, 2000, p. 520).

Dussel aponta para a existência de um sujeito vivo, concreto, perpassado por diversas categorias. Porém as categorias jamais são o centro, este lugar é pertencente ao próprio sujeito, a vítima.

3. METODOLOGIA

A pesquisa que realizamos possui caráter bibliográfico, pois foram utilizados livros e artigos científicos em seu processo de desenvolvimento, segundo Gil (2008, p. 50):

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográfica.

Como apresentado durante o artigo, foi realizada uma análise filosófica do conceito de “vítima” presente na filosofia de Enrique Dussel, trazendo a reflexão para a atualidade visando responder o questionamento: Quem são as vítimas na atualidade?

⁵ O livro “Meu nome é Rigoberta Menchú e assim nasceu em mim a consciência”, apresenta um relato realizado por ela mesma e transcrito por Elisabeth Burgos, é marcada por diversas violências de gênero, racistas e coloniais. Entre elas, notadamente, o massacre de seu povo, maia, e dos seus modos de vida pela colonização (BURGOS, 1991).

A utilidade deste método está relacionada a necessidade de se esclarecer o conceito filosófico proposto pelo autor, e no intuito de levantar informações a respeito da “vítima” enquanto pessoa excluída e de direitos negados perante a sociedade de maneira que se seja demonstrada a atualidade do conceito. Portanto,

[...] o processo de pesquisa se constitui em uma atividade científica básica que, através da indagação e (re)construção da realidade, alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade. Assim como vincula pensamento e ação já que “nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática” (Minayo, apud Lima; Miotto, 2007, p. 39).

Foram utilizadas diversas obras na construção deste projeto com destaque para dois livros de Dussel sendo estes, a Filosofia da Libertação na América Latina publicado em 1977 e a Filosofia da Libertação Crítica a Ideologia da Exclusão de 1995. Tais obras serviram como base para elucidar os conceitos de totalidade, ser negado, libertação, e o de vítima que constitui o cerne deste trabalho. Fazendo uso do conceito de vítima estabelecemos uma relação com a contemporaneidade por meio de matérias jornalísticas que apresentam condições de exclusão dentro da própria sociedade.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. AS “VÍTIMAS” - ALGUMAS IMPLICAÇÕES SOCIAIS E FILOSÓFICAS

O objetivo geral deste tópico não consiste em uma explicação detalhada sobre cada uma das diversas categorias de vítima que serão apresentadas, pois o conteúdo que cada uma carrega consigo é amplamente vasto, por isso, apresentamos uma visão sucinta a respeito de cada uma, de maneira que seja possível se alcançar o objetivo, de responder quem são as vítimas na atualidade.

Após mais de quarenta anos do início dos questionamentos de Enrique Dussel sobre a situação em que se encontram os oprimidos da sociedade, percebemos que o próprio sistema se atualizou, não com o intuito auxiliar aqueles que padecem e sim como forma de continuar sustentando uma minoria (formada majoritariamente por homens brancos e ricos) que se beneficiam com a exploração. Hoje, é perceptível que as vítimas não estão diminuindo, e sim o oposto, aumentam cada vez mais o número de categorias as quais podem ser classificadas como vítimas, e se potencializaram aquelas que já existiam.

4.1.1. O indígena

É de suma importância que iniciemos com os Povos Originários, (retratados brevemente no primeiro capítulo) que há mais de 500 anos sofrem com a constante invasão de fazendeiros em suas terras, que utilizam a violência como forma de intimidar e coagir os grupos indígenas a deixarem suas áreas. Se tornou algo comum nos jornais, matérias a respeito de grupos que sofreram agressões ao tentarem defender suas reservas, ou tiveram que se mobilizar no combate de incêndios clandestinos. Outro fator que vem crescendo drasticamente é o garimpo ilegal, os responsáveis por realizar tal atividade clandestina queimam as aldeias, abusam de

mulheres e crianças e contaminam as águas com mercúrio, como ocorreu na aldeia Yanomami em Roraima, onde no ano de 2022 morreram 99 crianças de 1 a 4 anos vítimas da expansão do garimpo ilegal, as causas da morte são, na maioria, por desnutrição, pneumonia e diarreia (g1 RR -Boa Vista, 21/01/2023).

São diversas as tentativas de apagarem a herança histórica indígena, um exemplo disso é projeto de lei que previa a aplicação do marco temporal na demarcação de terras indígenas, definindo que somente seriam consideradas válidas as reservas ocupadas por povos indígenas no dia da promulgação da Constituição Federal, que ocorreu em 5 de outubro de 1988.

O projeto também previa a impossibilidade de ampliação de terras indígenas já demarcadas, possibilitava flexibilização quanto o uso exclusivo de terras pelas comunidades, e possibilitava à União retomar às áreas reservadas em caso de alterações de traços culturais da comunidade. Caso aprovado flexibilizaria contrato de cooperação entre índios e não índios para atividades econômicas, possibilitaria contato com povos isolados "para intermediar ação estatal de utilidade pública" (Barbiéri, Borges, Neto, Clavery, Resende, 2023). Tal ação foi declarada inconstitucional Pelo Supremo Tribunal Federal, e vetada parcialmente pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Esta foi uma clara tentativa de retroceder os direitos indígenas alcançados ao longo dos últimos anos, como forma de intervir em suas terras no intuito de explorar os recursos presentes nelas.

4.1.2. O preto

No decorrer dos anos é observável que a população Preta já apontada como vítima na filosofia de Dussel, ainda permanece em tal condição. O portal Jornalístico g1 publicou uma matéria onde consta uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia Estatística publicada no ano de 2021, constatando que a porcentagem da população preta em condição de pobreza monetária que são 34,5% é o dobro da população branca que corresponde 18,6% (Cavallini,2022), isso é apenas uma das marcas de uma história de negação, exploração e esquecimento destas pessoas.

Atrelado a isso, vemos a gritante situação do racismo que está enraizado na estrutura da sociedade. São inúmeros os casos de racismo que acontecem diariamente ao redor do mundo, alguns levam até mesmo a morte de indivíduos como aconteceu com George Floyd nos Estados Unidos, recentemente um caso teve repercussão mundial, o fato ocorreu com o Jogador de Futebol Vinicius Junior, que durante uma partida de futebol no estádio *Mestalla*, em Valencia, foi atacado com gritos racistas pela torcida local, que constantemente o chamava de "macaco" (R7 Esportes, 2023) e diante da comoção ocorrida no momento Vinicius que que já estava emocionalmente abalado com toda situação acabou sendo expulso da partida, a qual prosseguiu deixando o fato de lado. No presente contexto destaca-se o fato de ser um jogador negro, latino-americano que é humilhado por torcedores europeus, sem que qualquer medida fosse tomada no momento, e que sai de campo como culpado por reagir a tal situação.

4.1.3. O membro da comunidade LGBTQIAPN+

Das vítimas não citadas por Dussel, enxergamos hoje a necessidade de apresentar a comunidade LGBTQIAPN+ fortemente marginalizada pela sociedade, que sofre com a violência física e psicológica, e que em grande parte dos casos se inicia dentro da própria família. Tais pessoas ainda hoje se veem inseguras de apresentar abertamente sua sexualidade por medo do julgamento Ihe são impostos, muitos ao serem expulsos precocemente de suas casas por suas famílias se encontram em situação precária, uma maior dificuldade para se obter emprego submete muitos a uma vida de prostituição.

O portal jornalístico R7 publicou o resultado de um dossiê de 2022 que registrou 273 mortes violentas de pessoas LGBTQIAPN+ no Brasil, aproximadamente 1 a cada 32 horas (Dauer, 2022), tais dados concedem ao Brasil o vergonhoso título de país que mais mata homossexuais no mundo. A discriminação e perseguição avançam nos mais diversos âmbitos, nas ruas, lojas, restaurantes e até mesmo em igrejas onde muitas vezes são vistos apenas como “condenados”. Recentemente a Comissão de Previdência, Assistência Social, Infância, Adolescência e Família da Câmara aprovou um projeto com intuito de proibir o casamento homoafetivo, o relator pastor Eurico chegou a comparar as relações homoafetivas a “aberrações” ou a “práticas masoquistas” (Gabriel, 2023).

A situação é ainda mais preocupante no cenário mundial, onde em pleno século XXI ainda existem 11 países que punem relações homossexuais com a pena de morte, e outros 68 que condenam tais tipos de relação sentenças que variam de alguns meses a vários anos de prisão ou até mesmo castigos corporais, como flagelações públicas (Rosas, 2023).

4.1.4. O adepto a religião de matriz africana

Percebe-se também a grande resistência aos adeptos de religiões com origem em matriz africana como Candomblé, Umbanda etc. vítimas diárias do pré-conceito e discriminação. Tal fato vem se dando de maneira significativa ao crescimento das igrejas denominadas “neopentecostais” que pregam uma oposição espiritual a tais religiões e as demonizam com intuito de se autoafirmarem. Os membros de tais religiões vivem na insegurança de não conseguir propagar a própria crença, pois diversas vezes estão sujeitos a ataques a integridade, e até mesmo a suas áreas de culto. No Brasil tem aumentado drasticamente a quantidade de denúncias de pessoas que sofreram intolerância religiosa, no ano de 2022 o número (1,2 mil) chegou a ser 106% a mais do que em 2021 (583), apesar da liberdade religiosa ser assegurada pela Constituição, ainda existe um longo caminho a ser trilhado.

4.1.5. A pessoa em situação de rua

A vítima é pessoa e situação de rua, que vive abandonada pelo governo e esquecida por toda a sociedade, sendo considerados por muitos como bandidos, drogados e inválidos por não estarem alinhados ao sistema (que é o responsável pela condição a qual elas se encontram), sob estes também é implicado o fardo da culpa pois ainda existem muitas pessoas desinformadas que acreditam que toda a população de rua

está nessa condição por vontade própria, por não desejarem trabalhar, ou porque querem liberdade para usar drogas.

O Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania publicou neste ano de 2023 um relatório sobre as pessoas em situação de rua no Brasil, e o estudo apresentou que a cada mil brasileiros 1 não possui moradia, sendo mais 236 mil pessoas vivendo nas ruas das cidades brasileiras. Tais pessoas ainda sofrem com a aporofobia (fobia a pobres e a pobreza), cada vez mais lugares aderem a arquitetura hostil que impedem que essas pessoas que já não possuem espaço para ficar, durmam em bancos, calçadas etc. Dentro destes números se encontram diversas crianças que crescem sem o acesso à educação e distantes de qualquer perspectiva de vida, e ingressam cedo no mundo das drogas e da criminalidade, pois esta é a única alternativa a qual encontram para amenizarem o sofrimento.

Outro fator preocupante é o alto índice de violência contra as pessoas nesta condição, segundo o Ministério da Saúde entre os anos 2015 e 2017 chegaram a ser registrados mais de 17 mil casos de violência contra pessoas em situação de rua (Figueiredo, 2019), muitos chegando a ser assassinados com resquícios de crueldade.

4.1.6. A mulher

Existe também a dominação sob a mulher, que perpassa toda a história. Em todas as classes, culturas etc., temos a figura feminina como dominada, alienada, apresentada como objeto sexual, e que também precisa ser libertada (Dussel, 1995). A mulher é vítima de uma estrutura patriarcal perpassada pela história, é constantemente exposta a insegurança de sair sozinha, de não poder usar uma roupa que gosta por medo de sofrer algum tipo de assédio, e nas situações mais decorrentes atualmente, o medo de utilizar transportes públicos pois são onde estão concentrados a maior quantidade dos casos (assédio sexual).

Um dado preocupante é o aumento do número de casos de feminicídio no ano de 2022 no qual o Brasil bateu recorde chegando a ter uma mulher morta a cada 6h, foram 1,4 mil mortes motivadas por gênero, indo contrário a porcentagem de assassinatos que tiveram redução de 1% (Velasco *et al*, 2023).

4.1.7. O refugiado

Muitas pessoas se veem obrigadas a sair de seu país devido a vários fatores, o mais comum atualmente são os conflitos políticos que culminam em guerras. A guerra pode atingir o país das mais diversas maneiras, iniciando com a economia, os gastos que antes eram destinados ao desenvolvimento socioeconômico do país são transferidos ao armamento e aos exércitos, fazendo com que o país empobreça cada vez mais, e seus habitantes tenham que se mudar para conseguir escapar da fome.

Outro modo é a destruição gerada por ataques armados, que levam muitas pessoas a buscarem refúgio em outro país para preservarem a própria vida, tendo muitas dessas perdido todos os bens com a destruição em massa.

Os refugiados enfrentam ainda mais sofrimento ao longo de sua jornada em busca de segurança e alguma estabilidade. Muitos enfrentam os mais diversos riscos para

conseguir deixar o país de origem, e quando conseguem chegar ao novo país se deparam com dificuldades decorrentes das condições precárias em que vivem, da falta de recursos básicos, da incapacidade de se comunicar, da discriminação e do trauma emocional.

A maioria dos países que recebe refugiados não possui um abrigo adequado para acolher tais pessoas, muitos são forçados a viver em campos de refugiados superlotados sem as estruturas básicas para se viver, como água potável, saneamento básico etc. além de serem sujeitos a contraírem os mais diversos tipos de doenças. Muitos ainda sofrem com a falta de emprego, inaccessibilidade à educação, e são alvos de hostilidade por parte dos cidadãos naturais do país no qual buscaram refúgio.

As vítimas são o reflexo de uma sociedade doente que nega aqueles não alinhados à hegemonia sistêmica, os países considerados de centro (Estados Unidos, Reino Unido etc.) monopolizam os recursos e os utilizam como forma de exclusão das periferias e justificam a produção de vítimas. A realidade de hoje evidencia isso de forma clara, um exemplo são os Estados Unidos da América que legitimam uma nova forma de *apartheid* que está acontecendo no Oriente Médio, de Israelenses sob os Palestinos, estes últimos já haviam perdido a maior parte de sua área territorial e atualmente estão perdendo a vida enquanto assistem a cidade de Gaza sendo bombardeada e destruída dia após dia. Enquanto isso, realizam-se diversas reuniões para tratar o tema, porém os interesses políticos e econômicos no âmbito global se sobressaem e ocupam o lugar de discursão pertencente à vítima.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dussel procurou romper com a filosofia enquanto ontologia e passou para o campo da ética de forma que fosse possível refletir a vida e se encontrar frente a vítima. Inicia sua reflexão buscando a origem, indagando a própria história sobre os mecanismos que produziram vítimas ao longo dos anos.

Neste artigo apresentamos a condição de preconceito e exclusão que perpassa a América Latina de forma que através do particular pudéssemos apontar para um problema maior, assim evidenciamos o mito do descobrimento como uma das maiores formas de negação de nossas origens, cultura, conhecimentos etc. de nossa própria história, e que infelizmente perdura até os dias atuais.

No segundo tópico trouxemos a biografia do filósofo Enrique Dussel como forma de compreensão da gênese de seu pensamento, juntamente com todas as condições que favoreceram sua opção por uma filosofia capaz de libertar. Partindo da Grécia, Dussel realiza uma reflexão sobre a ontologia enquanto filosofia da negação, pois a delimitação do ser é a negação do diferente daquilo que não se encaixa.

Apresentamos também a América Latina vista enquanto periferia do mundo europeu que parte de um processo de encobrimento iniciado com a era das grandes navegações, o qual perdura até a contemporaneidade. Apresentamos também quem a vítima segundo sua filosofia (operário, índio, escravo africano ou explorado asiático do mundo colonial; como corporalidade feminina, raça-não-branca, gerações futuras que sofrerão em sua corporalidade a destruição ecológica; como velhos sem destino

na sociedade de consumo, crianças de rua abandonadas, imigrantes estrangeiros, refugiados etc.) e a importância de enxergarmos a pessoa concreta, dotada de um rosto, e que possui algo a dizer através da condição que se encontra.

Apesar do tempo que se passou desde quando Dussel aponta para essa situação, percebemos o quanto se potencializaram os mecanismos de produção de vítima, não apenas no Brasil como também no cenário mundial.

Um exemplo claro é a religião que recentemente está sendo utilizada como instrumento de negação e alienação do ser. A teologia da prosperidade encontrada majoritariamente nas igrejas neopentecostais nega ainda mais a realidade do pobre. Influenciada pelo capitalismo coloca o pobre como um miserável “não amado por Deus”, e ao mesmo tempo eleva o rico a condição de “abençoado”, “amado”, “querido”. Os cultos vêm se tornando mecanismos políticos, sendo usados por muitos líderes religiosos como forma de disseminar ideologias, promover políticos e alienar a população, com o intuito de obter privilégios, e recursos financeiros.

Para reverter esses processos é necessária uma verdadeira “epifania”, ou seja, a própria revelação da face do oprimido, do pobre, do outro, da vítima, que jamais deve ser vista como pura aparência ou meramente um fenômeno, e sim como alguém que conserva em si uma exterioridade metafísica. Aquele que se revela está para além do próprio sistema, se põe continuamente e deixa de ser um esquecido (Dussel, 1977).

Tal momento implica uma transformação do sistema que nega a vida e produz a vítima (seja por falhas ou pelas injustiças). É necessário que a vítima seja sempre o centro do diálogo transformador, de maneira que seja enxergada e ouvida. O ato de refletir sobre este assunto se torna tentativa de encontrar lugar para a vítima, sendo assim um passo para se alcançar a libertação.

REFERÊNCIAS

BARBIÈRI, Luiz Felipe; BORGES, Beatriz; NETO, Pedro Alves; CLAVERY, Elisa; RESENDE, SARA. Marco temporal das terras indígenas: entenda o que está em jogo no Congresso, no STF e efeitos práticos. **g1.Globo**, São Paulo, 25 maio. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/05/25/marco-temporal-das-terras-indigenas-entenda-o-que-esta-em-jogo-no-congresso-no-stf-e-efeitos-praticos.ghtml>>. Acesso em 29 out. 2023.

BURGOS, Elisabeth. **Mi chiamo Rigoberta Menchú**. 2. ed. Firenze: Giunti, 1991.

Misoczky, Maria Ceci; Camara, Guilherme Dornelas. CADERNOS ebape.br, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, Artigo 4, abr/jun. 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cebape/a/ngQ6TpkRKLDsHsd5gyDfBYp/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 08 abr. 2023.

CAVALLINI, Marta, Proporção de pretos e pardos entre os pobres chega ao dobro em relação aos brancos, mostra IBGE. **g1.Globo**, São Paulo, 11 nov. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/11/11/proporcao-de->

pobres-pretos-e-pardos-chega-ao-dobro-em-relacao-aos-brancos-mostra-o-ibge.ghtml>. Acesso em: 27 out. 2023.

DAUER, Leticia. Uma pessoa LGBT é assassinada a cada 32 horas no Brasil. Portal R7, Brasília, 11 maio 2023. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/cidades/uma-pessoa-lgbt-e-assassinada-a-cada-32-horas-no-brasil-11052023>>. Acesso em: 28 maio 2023.

Disponível em:

<<https://www.gov.br/mdh/ptbr/assuntos/noticias/2023/setembro/mdhc-lanca-relatorio-sobre-pessoas-em-situacao-de-rua-no-brasil-estudo-indica-que-1-em-cada-mil-brasileiros-nao-tem-moradia>>. Acesso em: 22 set. 2023.

DUSSEL, Enrique. **Ética da Libertação na Idade da Globalização e da Exclusão**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves, Jaime A. Clasen e Lucia M. E. Orth. Petrópolis: Vozes, 2000.

DUSSEL, Enrique. **Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão**. 2 ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves, Jaime A. Clasen e Lúcia M. E. Orth. Petrópolis, Vozes, 2002.

DUSSEL, Enrique. **Filosofia da libertação na América Latina**. São Paulo: Loyola, 1977.

DUSSEL, Enrique. **Filosofia da Libertação**: crítica à Ideologia da Exclusão. Tradução de Georges Maissiat, São Paulo: Paulus, 1995 (coleção pesquisa & projeto)

DUSSEL, Enrique. **Para uma ética da libertação latino-americana**: Erótica e Pedagógica. Trad. Luiz João Gaio. São Paulo: Loyola/UNIMEP, 1977.

DUSSEL, Enrique. **Para uma ética da libertação latino-americana**: Eticidade e Moralidade. Trad. Luiz João Gaio. São Paulo: Loyola/UNIMEP, 1977.

FIGUEREDO, Patrícia, Brasil registra mais de 17 mil casos de violência contra moradores de rua em 3 anos. **g1.Globo**, São Paulo, 17 jun. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/06/17/brasil-registra-mais-de-17-mil-casos-de-violencia-contramoradores-de-rua-em-3-anos.ghtml>>. Acesso em: 28 out. 2023.

GABRIEL, João, Projeto de lei que busca proibir casamento homoafetivo avança na câmara. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 10.out.2023. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/10/projeto-de-lei-que-busca-proibir-casamento-gay-avanca-na-camara.shtml>>. Acesso em: 24 out.2023.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010. <https://vimeo.com/114714858>

MDHC lança relatório sobre pessoas em situação de rua no Brasil; estudo indica que 1 em cada mil brasileiros não tem moradia. **Gov.br**. 14 set. 2023.

MINAYO, Maria; DESLANDES, Suely; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MÓDULO, Claudenir. **Ética da libertação: a vítima na perspectiva dusseliana**. 2005. 126 f. Dissertação de Pós-graduação em Filosofia- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <<https://sapiencia.pucsp.br/bitstream/handle/11557/1/Tese%20Etica%20da%20Libertacao%20.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2023.

PENA, Rodolfo F. Alves. **Vantagens e Desvantagens da Globalização; Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/pos-contras.htm>>. Acesso em: 09 maio 2023.

QUASE 100 crianças morreram na terra Indígena Yanomami em 2022, diz Ministério dos povos indígenas. **Globo News**, Roraima, 21 jan. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2023/01/21/mais-de-500-criancas-morrem-na-ti-yanomami-e-lula-deve-decretar-estado-de-calamidade-publica.ghtml>>. Acesso em: 15 maio 2023.

ROSAS, Paula, Os países que punem homossexualidade com pena de morte. **BBC NEWS BRASIL**, São Paulo, 16 jan. 2023. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-64252532>>. Acesso em: 24 out. 2023.

SOUZA, Ricardo Timm. **Sujeito, ética e história: Levinas, o traumatismo infinito e a crítica da filosofia ocidental**. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.

VEJA o choro de Vinicius Jr. após ser chamado de macaco em jogo na Espanha. **R7 Esportes**. Brasília, 25 nov. 2023. Disponível em: <<https://esportes.r7.com/futebol/veja-o-choro-de-vinicius-jr-apos-ser-chamado-de-macaco-em-jogo-na-espanha-22052023#/foto/3>>. Acesso em: 28 out.2023.

VELASCO, Clara; GRANDIN, Felipe; PINHONI Mariana; FARIAS, Victor, Brasil bate recorde de feminicídios em 2022, com uma mulher morta a cada 6 horas. **g1.Globo**, São Paulo, 08 ago. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2023/03/08/brasil-bate-recorde-de-feminicidios-em-2022-com-uma-mulher-morta-a-cada-6-horas.ghtml>>. Acesso em: 30 out. 2023.